

A função dos capítulos 3-10 do livro A da *Metafísica* de Aristóteles

Guilherme da Costa Assunção Cecílio
(UFRJ)

Se é certo que Aristóteles não pode ser considerado o fundador da História da Filosofia em sentido estrito, sabe-se que devemos a ele as primeiras exposições organizadas das doutrinas dos filósofos que o antecederam. Tal fato deu azo a muitas discussões, tendo sido o século XX palco de uma acesa polêmica em torno da questão da fidedignidade dos testemunhos de Aristóteles sobre os seus predecessores. Para citar apenas alguns nomes, Harold Cherniss¹, secundado por J. McDiarmid², sustentou que o Estagirita distorceria intencionalmente o pensamento dos filósofos precedentes, fazendo-o com o objetivo de colocar suas próprias doutrinas sob a melhor luz possível, de sorte que seu testemunho não constituiria de modo algum uma base segura para a reconstrução do pensamento desses filósofos.

A semelhante tese opuseram-se muitos estudiosos, dentre os quais Werner Jaeger³, W. K. C. Guthrie⁴ e Suzanne Mansion⁵. Poderíamos tentar resumir a posição destes autores do seguinte modo: em primeiro lugar, eles denunciaram que o quadro pintado por Cherniss e McDiarmid não é nada benevolente para com Aristóteles, fazendo o Estagirita parecer um simples erístico; ademais, a pretensão de se fazer uma História da Filosofia totalmente neutra, sem jamais projetar nossos próprios conceitos no pensamento dos autores sob análise, constituiria uma ideia ingênua e irrealizável até mesmo para nós, que tentamos fazê-lo, quanto mais para Aristóteles, que certamente não tinha perseguido semelhante objetivo.

¹ CHERNISS, Harold. *Aristotle's Criticism of Presocratic Philosophy*. _____. *Aristotle's Criticism of Plato and the Academy*.

² MCDIARMID, J. B. *Theophrastus on the Presocratic Causes*.

³ JAEGER, Werner. Review of H. Cherniss, *Aristotle's Criticism of Presocratic Philosophy*.

⁴ GUTHRIE, W. K. C. *Aristotle as Historian*.

⁵ MANSION, Suzanne. *Le rôle de l'exposé et de la critique des philosophie antérieures chez Aristote*.

Por fim, uma análise mais atenta do procedimento aristotélico faria ver que o exame dos predecessores consistiria num dos momentos fundamentais do próprio processo de investigação filosófica, tal como o concebera o Estagirita⁶.

Não pretendemos aqui tomar posição nesse complexo debate, sobre o qual, aliás, já se verteram rios de tinta. De modo mais modesto, desejamos apenas analisar a função desempenhada pelos capítulos 3-10 do livro A no contexto deste livro como um todo. Mas como esse trecho contém justamente a mais ampla e célebre exposição aristotélica do pensamento de predecessores, é indispensável que digamos ao menos algumas palavras.

Sendo assim sendo, propomos a seguinte síntese. É um fato inconteste que Aristóteles jamais se propôs a fazer uma História da Filosofia, se entendemos por História da Filosofia uma exposição que, além de histórica, seja maximamente neutra e cujo objetivo precípua seja reconstruir o pensamento de um determinado autor, o mais possível, em seus próprios termos, exposição esta que seja também motivada por um interesse intrínseco no próprio autor. Mas se não é isso que Aristóteles faz, que faz ele então?

Os relatos de Aristóteles sobre os seus predecessores são nitidamente dirigidos por algum tema em particular; ademais o objetivo desses relatos é sempre filosófico e não historiográfico, ou seja, tais exposições têm em vista contribuir para o esclarecimento de alguma questão filosófica na qual o próprio Aristóteles esteja interessado, estando muito distante de suas preocupações preservar o vocabulário dos pensadores que ele cita ou reconstituir com exatidão o contexto em que tais pensadores formularam suas teorias. Alguns exemplos de tais recenseamentos temáticos das doutrinas de predecessores seriam a discussão contida na *Física* acerca do número de princípios da natureza, o levantamento acerca da definição de alma presente no *De Anima*, e ainda a discussão, que se lê no *De Caelo*, sobre a questão se o mundo seria eterno ou se ele teria sido gerado.

Mas qual seria, então, o enfoque presente no texto que nos interessa, *Metaph.* A3-10? Segundo uma opinião amplamente disseminada, estes capítulos constituiriam uma espécie de prova – quiçá um tanto errática – de

⁶ Essa posição é defendida com muita propriedade por DI CAMILLO, Silvana Gabriela. *Aristóteles historiador* – El examen crítico de la teoría platónica de las Ideas. Neste livro a autora oferece também um breve, porém excelente *status quaestionis* do problema em tela. Ver também CECÍLIO, G. C. A. Resenha de Gabriela Silvana Di Camillo, *Aristóteles historiador* – El examen crítico de la teoría platónica de las Ideas.

que só existam os quatro tipos de causas discriminadas na *Física*. Tal prova consistiria no recenseamento das doutrinas dos antecessores com vistas a verificar se algum outro gênero de causa teria sido ventilado por eles, e, dado que isso não teria ocorrido, Aristóteles consideraria provado que só existem, de fato, as célebres quatro causas. De nossa parte, procuraremos mostrar que tal interpretação não faz justiça ao que se lê em *Metaph. A3-10*.

Convém salientar, contudo, que seria uma temeridade opor-se radical e absolutamente à interpretação que acabamos de esboçar. E isso não tanto pela autoridade dos muitos estudiosos que a endossam, mas pela autoridade do próprio texto aristotélico. De fato, assim se lê no começo de *Metaph. A3*:

[...] estudou-se isso [os quatro gêneros de causa] suficientemente nas discussões sobre a natureza; não obstante, tomemos aqueles que, antes de nós, adentraram no exame dos entes e filosofaram a respeito da verdade. Evidentemente também eles propuseram certos princípios e causas; assim, isso será de algum modo propício, à medida que avançamos no presente estudo: de fato, ou encontraremos um outro gênero de causa, ou confiaremos mais nas que agora foram mencionadas⁷.

A passagem citada parece avalizar completamente a interpretação que queremos desacreditar; não há muita margem para dúvida que Aristóteles esteja, quase didaticamente, mencionando o objetivo do exame que está prestes a começar. E se este é o preâmbulo do exame dos predecessores, eis como Aristóteles o arremata, em *Metaph. A10*": pelo que foi dito antes, é evidente que todos parecem procurar as causas que mencionamos nas discussões sobre a natureza, e que não poderíamos mencionar nenhuma outra além delas"⁸.

⁷ “[...] θεωρηται μὲν οὖν ἰκανῶς περὶ αὐτῶν ἡμῖν ἐν τοῖς περὶ φύσεως, ὁμῶς δὲ παραλάβωμεν καὶ τοὺς πρότερον ἡμῶν εἰς ἐπίσκεψιν τῶν ὄντων ἐλθόντας καὶ φιλοσοφήσαντας περὶ τῆς ἀληθείας. δῆλον γὰρ ὅτι κάκεῖνοι λέγουσιν ἀρχὰς τινὰς καὶ αἰτίας· ἐπελθοῦσιν οὖν ἔσται τι προὔργου τῆ μεθόδῳ τῆ νῦν· ἢ γὰρ ἕτερόν τι γένος εὐρήσομεν αἰτίας ἢ ταῖς νῦν λεγομέναις μᾶλλον πιστεύσομεν”. *Metaph. A3*, 983a33-983b-6. Todas as referências ao texto grego da *Metafísica* contidas neste trabalho dizem respeito a ROSS, W. D. *Aristotle's Metaphysics – a revised text with introduction and commentary* by W. D. Ross. Para a tradução portuguesa da *Metafísica* utilizamos – com modificações pontuais – a tradução de Lucas Angioni. Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*, livros I, II e III - Tradução, introdução e notas de Lucas Angioni.

⁸ “ὅτι μὲν οὖν τὰς εἰρημένους ἐν τοῖς φυσικοῖς αἰτίας ζητεῖν εἰκόσασιν πάντες, καὶ τούτων ἐκτὸς οὐδεμίαν ἔχομεν ἂν εἰπεῖν, δῆλον καὶ ἐκ τῶν πρότερον εἰρημένων”. *Metaph. A10*, 993a11-13.

Como se não bastassem essas duas afirmações, que além de muito claras, estão estrategicamente posicionadas, ainda há outras tantas asserções semelhantes espalhadas em *Metaph.* A3-10⁹.

De nossa parte, não pretendemos ir de encontro ao texto aristotélico. Reconhecemos, por conseguinte, que um dos objetivos do texto sob análise seja comprovar que só existem as quatro causas mencionadas na *Física*. Mas desejamos salientar que isso é apenas parte do que está em jogo em *Metaph.* A3-10, e, provavelmente, nem sequer a parte principal.

Esta é, pois, a tese principal que desejamos defender neste artigo: *Metaph.* A3-10 consiste, na verdade, no recenseamento das propostas de ciência preeminente que foram avançadas pelos pensadores pré-aristotélicos. Faz-se preciso reconhecer que tal recenseamento foi, sem sombra de dúvida, cuidadosamente estruturado em torno do tema das quatro causas. Com isso queremos dizer que Aristóteles nitidamente procurou ordenar o exame dos predecessores de acordo com o tipo de causa que cada um deles teria conseguido descobrir ou, pelos menos, vislumbrar. Sendo assim, Aristóteles afirma que os φυσιολόγοι (sejam monistas ou pluralistas) teriam atingido apenas a causa material, mas teriam também roçado a causa eficiente (especialmente os pluralistas). Já os pitagóricos teriam falado, a seu modo, da causa material, e teriam começado a entrever a causa formal. Essa, por sua vez, só teria sido alcançada pelos platônicos, que teriam também tratado, como os demais, da causa material.

Em suma, defendemos que esse seja o verdadeiro conteúdo de *Metaph.* A3-10, nomeadamente, o exame dos diversos projetos de ciência suprema ventiladas pelos antecessores. Mas até mesmo esta formulação precisa ser refinada. Na verdade, somos de parecer que Aristóteles tenha analisado unicamente aqueles pensadores que, a seu ver, teriam avançado uma ciência dos princípios. E com essa expressão, “ciência dos princípios”, queremos dizer o seguinte: *uma doutrina que explique o surgimento de todas as coisas a partir de apenas um ou alguns poucos princípios*¹⁰.

Creemos, desse modo, que não se deve separar a interpretação de

⁹ Cf. *Metaph.* A5 986a12-15, *Metaph.* A5 986b4-6, *Metaph.* A5 986b12-14, *Metaph.* A7 988a20-23 e *Metaph.* A7 988b16-19.

¹⁰ O núcleo da tese que propomos no presente artigo possui certa afinidade com a leitura da *Metafísica* avançada por Stephen Menn em seu excelente livro, *The Aim and the Argument of Aristotle's Metaphysics*. O prof. Menn disponibilizou no site da Humboldt-Universität zu Berlin uma primeira versão dessa obra ainda não publicada em mídia impressa.

Metaph. A3-10 dos capítulos que lhe antecedem. De fato, somos de opinião que *Metaph.* A1-2 constituam os alicerces sobre os quais se erige todo o restante do argumento do livro A¹¹.

Como se sabe, em *Metaph.* A1-2 o Estagirita apresenta a sua própria proposta de ciência suprema, a qual recebe o pomposo nome de σοφία e que é definida como ciência das causas primeiras ou princípios¹². Nestes capítulos aprendemos que essa ciência dos princípios é uma ciência puramente teórica¹³, e que conhecer esses princípios facultar-nos-ia conhecer, de certo modo, todas as coisas¹⁴; ficamos sabendo também que a σοφία é, dentre todas, a ciência mais elevada¹⁵, sendo, portanto, também a ciência mais desejável; Aristóteles chega mesmo ao ponto de descrevê-la como ciência divina¹⁶.

Depois ter efetuado semelhante elogio à σοφία – isto é, à ciência dos princípios – em *Metaph.* A1-2, parece a nós ser perfeitamente razoável que, no restante do livro A, Aristóteles discorra sobre os demais projetos de ciência dos princípios à disposição, projetos que, afinal de contas, seriam concorrentes da σοφία aristotélica há pouco esboçada. Dito de outro modo, se Aristóteles pretende, como cremos, estimular o seu público a segui-lo na longa e exaustiva jornada em busca da ciência suprema, jornada essa que se desenrolaria no restante da *Metafísica*, faz sentido que ele deseje mostrar a insuficiência de todos os outros concorrentes ao posto de ciência suprema. E estes seriam (1) o tipo de ciência da natureza levada a cabo pelos φυσιολόγοι, (2) a peculiar matemática advogada pelos pitagóricos e, sobretudo, (3) a ciência suprema defendida por Platão e pelos demais acadêmicos.

Desejamos reafirmar, uma vez mais, que a interpretação que aqui propomos não nega que um dos objetivos de Aristóteles no livro A seja

¹¹ Para uma análise pormenorizada de *Metaph.* A1-2 e estudo de sua importância no quadro de uma leitura unitarista da *Metafísica*, cf. CECÍLIO, G. C. A. *Revisitando a questão da unidade da ciência preeminente na Metafísica de Aristóteles: a relevância do livro A para uma interpretação "arqueológica"*.

¹² *Metaph.* A1, 981b28-29. Podemos citar ainda no primeiro livro *Metaph.* A1, 982a2: "ἡ σοφία περί τινος ἀρχᾶς καὶ αἰτίας ἐστὶν ἐπιστήμη" e *Metaph.* A2, 982b9-10: "ταύτην τῶν πρώτων ἀρχῶν καὶ αἰτίων εἶναι θεωρητικὴν".

¹³ *Metaph.* A1-2, *passim*; ver, em especial, *Metaph.* A2, 982b11-28.

¹⁴ *Metaph.* A2, 982a21-23.

¹⁵ *Metaph.* A2, 982b4-7.

¹⁶ *Metaph.* A2 982b28-983a11.

apresentar uma prova de que só existam os quatro tipos de causa aventados na *Física*; não negamos nem mesmo que os vários grupos de predecessores sejam organizados segundo o quanto eles teriam conseguido vislumbrar das quatro causas. Mas desejamos ressaltar que este é apenas o esqueleto, a estrutura do texto de *Metaph.* A3-10; e se não se reconhecer que Aristóteles está, na verdade, pondo em cena uma espécie competição cujo prêmio é o título de verdadeira ciência dos princípios, simplesmente não se poderá compreender muitos aspectos do livro A.

Principiemos exatamente pelo começo do inquérito dos predecessores, isto é, por *Metaph.* A3.

Entre os que primeiro filosofaram, a maior parte julgou que eram *princípios de todas as coisas* apenas os *princípios* em forma de matéria. De fato, o *item primeiro de que tudo se constitui, do qual tudo vem a ser e no qual, por último, tudo se corrompe* [...] eis o que afirmam ser *elemento e princípio dos entes* [...] ¹⁷.

A leitura tradicional desse trecho enfatiza que Aristóteles esteja aqui classificando os primeiros filósofos como aqueles que atingiram a causa material. Sem negar que a passagem descreva a descoberta da causa material, convém notar que o texto em apreço sublinha que a matéria ocupava a destacada posição de *princípio* no pensamento desses primeiros filósofos. Dito de outro modo, ao menos tão importante quanto a menção da descoberta da causa material é o quadro teórico geral em que a matéria figura, a saber, *uma teoria que pretende explicar todas as coisas a partir de um único princípio*. De fato, chama a atenção o número de vezes que os termos $\pi\acute{\alpha}\nu$ e $\acute{\alpha}\rho\chi\acute{\eta}$ – bem como outras noções congêneres – ocorrem nesse breve trecho.

Note-se igualmente que este não constitui um caso isolado. Tão logo se adote a chave de leitura que aqui propomos, fácil será perceber que a ideia de uma teoria que explica *todas as coisas a partir de um ou mais princípios* constitui o verdadeiro *Leitmotiv* de *Metaph.* A3-10. Para comprová-lo, mencionaremos mais algumas passagens do livro A.

17 “τῶν δὴ πρῶτων φιλοσοφησάντων οἱ πλεῖστοι τὰς ἐν ὕλης εἴδει μόνας ᾤθησαν ἀρχὰς εἶναι πάντων· ἐξ οὗ γὰρ ἔστιν ἅπαντα τὰ ὄντα καὶ ἐξ οὗ γίγνεται πρῶτου καὶ εἰς ὃ φθείρεται τελευταῖον [...] τοῦτο στοιχεῖον καὶ ταύτην ἀρχὴν φασιν εἶναι τῶν ὄντων [...]”, *Metaph.* A3, 983b6-11, grifo nosso.

Ainda com respeito aos φυσιολόγοι, afirma Aristóteles: “[...] sempre haveria *certa natureza, ou uma única, ou mais de uma, da qual são geradas as demais coisas [...]*”¹⁸.

Com referência aos pitagóricos, diz o Estagirita:

[...] os chamados Pitagóricos, sendo os primeiros a se aplicar nas matemáticas, as desenvolveram e, nutrindo-se nelas, julgaram que seus *princípios seriam princípios de todos os entes*. [...] e dado que *todas as demais coisas* mostravam-se similares aos números em sua inteira natureza, e que os números eram os *itens primeiros de toda natureza*, conceberam que os *elementos dos números eram elementos de todos os entes*, e conceberam que o céu *em seu todo* era escala musical e número¹⁹.

E com relação a Platão, afirma: “Dado que as Formas seriam causas das demais coisas, julgou que os *elementos delas seriam elementos de todos os entes*”²⁰.

Poderíamos multiplicar esses exemplos à exaustão, mostrando, assim, que virtualmente todos os pensadores recenseados no livro A são apresentados segundo a mesma perspectiva, nomeadamente, como propositores duma doutrina que descreve todas as coisas como surgindo de um ou uns poucos princípios.

Sob tal perspectiva, descortina-se a explicação de uma das muitas dificuldades do livro A, nomeadamente, o tratamento canhestro que ali se dispensa aos Eleatas.

Há outros, porém, que falaram a respeito do todo como se ele fosse uma única natureza, embora nem todos o tenham feito do mesmo modo [...] Para a presente investigação das causas, de modo algum convém uma discussão sobre eles (de fato, não geraram [nada] do

¹⁸ “ἀεὶ γὰρ εἶναι τινα φύσιν ἢ μίαν ἢ πλείους μᾶς ἐξ ὧν γίγνεται ἄλλα [...]”, *Metaph.* A3, 983b17-18, grifo nosso.

¹⁹ “οἱ καλούμενοι Πυθαγόρειοι τῶν μαθημάτων ἀψάμενοι πρῶτοι ταῦτά τε προήγαγον, καὶ ἐντραφέντες ἐν αὐτοῖς τὰς τούτων ἀρχὰς τῶν ὄντων ἀρχὰς ᾤθησαν εἶναι πάντων. [...] ἐπεὶ δὴ τὰ μὲν ἄλλα τοῖς ἀριθμοῖς ἐφαίνοντο τὴν φύσιν ἀφωμοιωσθαι πᾶσαν, οἱ δ' ἀριθμοὶ πάσης τῆς φύσεως πρῶτοι, τὰ τῶν ἀριθμῶν στοιχεῖα τῶν ὄντων στοιχεῖα πάντων ὑπέλαβον εἶναι, καὶ τὸν ὅλον οὐρανὸν ἀρμονίαν εἶναι καὶ ἀριθμόν.”, *Metaph.* A5, 985b23-986a3, grifo nosso.

²⁰ “ἐπεὶ δ' αἴτια τὰ εἶδη τοῖς ἄλλοις, τάκεινων στοιχεῖα πάντων ᾤθη τῶν ὄντων εἶναι στοιχεῖα”, *Metaph.* A6, 987b18-20, grifo nosso.

um [...], mas se pronunciaram de outro modo [...] afirmam que [o um] não é suscetível de movimento). [...] Como dissemos, eles devem ser deixados de lado na presente investigação, dois deles inteiramente, por serem um pouco mais vulgares, Xenófanés e Melisso. Mas Parmênides parece, de certo modo, ter-se pronunciado com mais visão: de fato, julgando que o não-ente não era nada, além do ente, pensou que necessariamente haveria um só, o ente, e nada mais [...]. No entanto, forçado a acompanhar as evidências, e concebendo pela razão que havia só o um, mas, pela sensação, que havia mais de um, propôs duas causas e dois princípios, o quente e o frio, denominando-os como fogo e terra; entre eles, ordenou o quente sob o ente, e o outro, sob o não-ente²¹.

Uma das coisas que mais chama atenção na passagem citada é a insistência de Aristóteles de que não convém tratar dos Eleatas, dados os objetivos da investigação em curso. E a única explicação fornecida para semelhante comportamento está contida no comentário parentético: “de fato, [os Eleatas] não geraram [nada] do um, mas [...] afirmam que o um não é suscetível de movimento”. Mas tal explicação, assim tão sumária, seria na verdade bem pouco esclarecedora, não fosse a nossa interpretação de que Aristóteles esteja redigindo em *Metaph.* A3-10 uma espécie de história das doutrinas dos princípios. Vejamos.

Convém ressaltar, antes de tudo, que a noção mesma de *princípio* exige, logicamente, também a noção de *princiado*. Dito de outro modo, “princípio” é um predicado de dois lugares: “X é princípio de Y”.

Eis, portanto, a dificuldade com a qual Aristóteles se defronta ao tratar dos Eleatas; estes são monistas radicais, ou seja, eles não admitem absolutamente nada para além do seu princípio. Ora, isso implica que eles não possuem, ao fim e ao cabo, uma doutrina dos princípios, já que uma

²¹ “εἰσὶ δὲ τινες οἱ περὶ τοῦ παντὸς ὡς μιᾶς οὐσίας φύσεως ἀπεφήναντο, τρόπον δὲ οὐ τὸν αὐτὸν πάντες [...]. εἰς μὲν οὖν τὴν νῦν σκέψιν τῶν αἰτίων οὐδαμῶς συναρμόττει περὶ αὐτῶν ὁ λόγος (οὐ γὰρ [...] γεννώσιν ὡς [...] τοῦ ἑνός, ἀλλ’ ἕτερον τρόπον οὗτοι λέγουσιν· [...] οὗτοι δὲ ἀκίνητον εἶναι φασιν) [...] οὗτοι μὲν οὖν, καθάπερ εἶπομεν, ἀφετέοι πρὸς τὴν νῦν ζήτησιν, οἱ μὲν δύο καὶ πάμπαν ὡς ὄντες μικρὸν ἀγροικότεροι, Ξενοφάνης καὶ Μέλισσος· Παρμενίδης δὲ μᾶλλον βλέπων ἔοικέ που λέγειν· παρὰ γὰρ τὸ ὄν τὸ μὴ ὄν οὐθέν ἐστιν εἶναι, ἐξ ἀνάγκης ἐν οἷεται εἶναι, τὸ ὄν, καὶ ἄλλο οὐθέν [...], ἀναγκαζόμενος δ’ ἀκολουθεῖν τοῖς φαινομένοις, καὶ τὸ ἐν μὲν κατὰ τὸν λόγον πλείω δὲ κατὰ τὴν αἴσθησιν ὑπολαμβάνων εἶναι, δύο τὰς αἰτίας καὶ δύο τὰς ἀρχὰς πάλιν τίθησι, θερμὸν καὶ ψυχρὸν, οἷον πῦρ καὶ γῆν λέγων· τούτων δὲ κατὰ μὲν τὸ ὄν τὸ θερμὸν τάττει θάτερον δὲ κατὰ τὸ μὴ ὄν”, *Metaph.* A5, 986b10-987a2.

autêntica doutrina dos princípios exige logicamente, além da noção de princípio, também um principiado. Mas no parecer dos Eleatas não existe nada que ocupe a posição de principiado, já que simplesmente não existe nada para além do princípio. E se esses filósofos não possuem uma doutrina dos princípios, Aristóteles não tem muito o que dizer sobre eles.

Eis, em nossa opinião, o motivo pelo qual Aristóteles dedicou pouco mais que uma linha a Melisso. Essa é também a explicação para algo que seria de, outro modo, uma grave falta no exame aristotélico dos predecessores, a saber, que uma figura da estatura de Zenão seja completamente transcurada: a despeito da relevância filosófica de seus paradoxos, neles não se encontra nenhuma doutrina do surgimento de todas as coisas a partir de um princípio.

Na realidade, Parmênides é o único Eleata que, depois de muito resistir, Aristóteles efetivamente discute. Mas isso nada tem a ver com a sua importância para a filosofia. O motivo pelo qual Aristóteles discorre sobre Parmênides – mas não sobre Melisso e Zenão – reside no fato que ter sido ele o único Eleata a sustentar algo que tenha alguma semelhança com uma doutrina dos princípios. É precisamente por isso que, ao tratar de Parmênides, Aristóteles deixa de lado a célebre doutrina parmenídica do ser e volta sua atenção para aquilo que conhecemos como a segunda parte do Poema²², lugar onde Parmênides parece ter avançado uma explicação, justamente, da geração de todas as coisas a partir de um par de princípios contrários.

A interpretação que aqui propomos é capaz de dar conta de outras anomalias do livro A, tais como algumas ilustres ausências. Além do já mencionado Zenão, Aristóteles ignora completamente figuras como Protágoras, Górgias e Isócrates. E isso se explica do mesmo modo que procuramos explicar o silêncio sobre Zenão: Protágoras, Górgias e Isócrates carecem completamente de uma doutrina dos princípios.

²² “No entanto, forçado a acompanhar as evidências, e concebendo pela razão que havia só o um, mas, pela sensação, que havia mais de um, *propôs duas causas e dois princípios*, o quente e o frio, denominando-os como fogo e terra; entre eles, ordenou o quente sob o ente, e o outro, sob o não-ente / [...] ἀναγκαζόμενος δ’ ἀκολουθεῖν τοῖς φαινόμενοις, καὶ τὸ ἐν μὲν κατὰ τὸν λόγον πλείω δὲ κατὰ τὴν αἴσθησιν ὑπολαμβάνων εἶναι, δύο τὰς αἰτίας καὶ δύο τὰς ἀρχὰς πάλιν τίθησι, θερμὸν καὶ ψυχρὸν, οἷον πῦρ καὶ γῆν λέγων· τούτων δὲ κατὰ μὲν τὸ ὄν τὸ θερμὸν τάττει θάτερον δὲ κατὰ τὸ μὴ ὄν”, *Metaph.* A5, 986b31-987a2, grifo nosso.

No mesmo sentido explica-se a diminuta atenção devotada a uma figura da magnitude de Sócrates, o qual é mencionado unicamente no contexto da breve biografia intelectual que Aristóteles faz de Platão em *Metaph.* A6. De Sócrates, o Estagirita diz somente: “Sócrates, porém, se empenhou em estudar assuntos éticos, *mas nada [disse] sobre a natureza em seu todo*, procurando naqueles primeiros o universal, e sendo o primeiro a demorar o pensamento nas definições”²³.

Se, tal como defende a interpretação *standard* que aqui combatemos, o único objetivo de *Metaph.* A3-10 fosse recensar o quanto já fora dito acerca das quatro causas, certamente Sócrates mereceria um tratamento muito mais pormenorizado, pois, como diz o trecho citado, a Sócrates caberia o mérito de ter procurado o universal e ter se dedicado, pela primeira vez, às definições. Ora, isso provavelmente significa que Sócrates teria aberto o caminho para a descoberta da causa formal. Aristóteles, contudo, não faz semelhante observação. Como explicar, então, semelhante incúria?

Pois bem, é preciso reconhecer, de uma vez por todas, que a interpretação *standard* do livro A é que está errada: Aristóteles não está aqui escrevendo uma espécie de verbete histórico das quatro causas, pois, se assim fosse, certamente ele teria de ter reservado um espaço muito maior para Sócrates – para mencionar apenas um exemplo –. Pelo contrário, o próprio trecho citado dá uma indicação do motivo pelo qual o Estagirita descarta Sócrates, a saber, porque ele “nada [disse] sobre a natureza em seu todo”, ou seja, porque Sócrates, como de resto se sabe, não propôs nenhuma explicação do surgimento de todas as coisas a partir de alguns princípios.

Nossa leitura tem a vantagem de explicar uma outra particularidade de *Metaph.* A3-10, a atenção comparativamente desproporcional que se dispensa a poetas como Homero e, em especial, Hesíodo. Depois de referido indiretamente em *Metaph.* A3²⁴, Hesíodo é mencionado nominalmente mais três vezes no decorrer do livro A²⁵. Como se justifica,

²³ “Σωκράτους δὲ περὶ μὲν τὰ ἠθικὰ πραγματευομένου περὶ δὲ τῆς ὅλης φύσεως οὐθέν, ἐν μέντοι τούτοις τὸ καθόλου ζητοῦντος καὶ περὶ ὀρισμῶν ἐπιστήσαντος πρώτου τὴν διάνοιαν”, *Metaph.* A6, 987b1-4, grifo nosso.

²⁴ *Metaph.* A3, 983b27-984a2. Que Aristóteles se refira aqui a Hesíodo é opinião de Alexandre. Cf. ALEXANDRE DE AFRODÍSIA. *Commentarius In Libros Metaphysicos Aristotelis* – recensuit Hermannus Bonitz, p. 25.

²⁵ *Metaph.* A4, 984b23, 984b27, *Metaph.* A8, 989a10.

então, que, tendo transcurado figuras filosóficas de primeira grandeza, Aristóteles dispense semelhante atenção a um θεολόγος? A explicação é, parece-nos, esta: porque Hesíodo, apesar de ser um θεολόγος, e, assim, um pensador subfilosófico, foi também o propositor de uma celebérrima doutrina dos princípios. De fato, na *Teogonia* Hesíodo deriva absolutamente todo o cosmo de três deuses primordiais: Caos, Terra e Amor²⁶.

Mas provavelmente o ponto mais forte de nossa interpretação seja a luz que ela é capaz de lançar sobre *Metaph.* A8-9. Como se sabe, nesses capítulos Aristóteles apresenta uma longa e intrincada série de objeções a todos os pensadores recenseados no livro A. E embora seja verdadeiro que, aqui e acolá, Aristóteles censure determinado filósofo por ter ignorado um ou outro gênero de causa – o que acorda com a interpretação *standard* do trecho em tela –, sem sombra de dúvida as críticas do Estagirita vão muito além disso.

E é justamente nesse ponto que a interpretação tradicional mostra a sua maior fragilidade. Se Aristóteles estivesse apenas interessado em averiguar se os filósofos que o precederam teriam aventado algum outro gênero de causa para além dos quatro distinguidos na *Física*, como explicar que o Estagirita dedique tamanha energia à discussão de diversos pormenores das doutrinas desses filósofos? Ou melhor, porque Aristóteles se empenha em refutar quase *in toto* as doutrinas dos predecessores se o seu interesse residiria apenas na noção de causa?

Na verdade, só se pode compreender a função dos capítulos 8 e 9 do livro A se se reconhecer, como advogamos, que o interesse precípuo do Estagirita é demolir, ou no mínimo, desacreditar os projetos de doutrina dos princípios que concorrem com o seu próprio projeto, isto é, a σοφία descrita em *Metaph.* A1-2.

²⁶ “ἦ τοι μὲν πρώτιστα Χάος γένητ’, αὐτὰρ ἔπειτα / Γαῖ’ εὐρύστερνος, πάντων ἕδος ἀσφαλὲς αἰεὶ / ἀθανάτων, οἳ ἔχουσι κάρη νιφόνεντος Ὀλύμπου, / Τάρταρά τ’ ἠερόντα μυχῶ χθονὸς εὐρυοδείης, / ἦδ’ Ἔρος, ὃς κάλλιστος ἐν ἀθανάτοισι θεοῖσι, / Sim bem primeiro nasceu Caos, depois também / Terra de amplo seio, de todos sede irresvalável sempre, / dos imortais que têm a cabeça do Olimpo nevado / e Tártaro nevoento no fundo do chão de amplas vias, / e Eros: o mais belo entre Deuses imortais [...], *Th.* 116-120. Para o texto grego, utilizamos a seguinte edição: HESIOD. *The Homeric Hymns and Homeric* - with an English Translation by Hugh G. Evelyn-White. *Theogony*. Cambridge (MA.): Harvard University Press, 1914. Para a tradução portuguesa, valemo-nos de HESÍODO. *Teogonia* - estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1991.

Creemos que tal perspectiva também nos permite lançar luz sobre aquela que é, provavelmente, a questão mais polêmica de todo o livro A, a saber, a reconstrução do platonismo que Aristóteles efetua nessas páginas. De fato, qualquer leitor minimamente assíduo dos diálogos platônicos certamente se surpreenderá com as doutrinas que o Estagirita atribui aqui a Platão, as quais, ao menos à primeira vista, não encontram paralelo no *corpus platonicum*. Ao descrever o pensamento de seu mestre em *Metaph. A*, Aristóteles põe em destaque as estranhas doutrinas do Uno e da Díade do Grande e do Pequeno, bem como uma série de desdobramentos matemáticos da Teoria das Ideias.

A ênfase nesses aspectos do platonismo, em detrimento da própria Teoria das Ideias – ênfase que tanto tem intrigado os estudiosos – também encontra explicação no quadro geral da interpretação que aqui propomos. De acordo com o que se consegue compreender do relato de Aristóteles sobre a doutrina platônica do Uno e da Díade, esta constituiria a autêntica doutrina dos princípios de Platão, visto que o Uno e a Díade desempenhariam a função de princípios (“formais” e “materiais”) dos números ideais e das próprias Ideias, dos quais dependeriam, por sua vez, os chamados números matemáticos e todo o mundo sensível²⁷.

Para concluir, gostaríamos de ao menos sugerir que a chave de leitura aqui defendida nos parece proveitosa não apenas na exegese do livro A, mas também da *Metafísica* em sua inteireza. De fato, nossos estudos da obra como um todo levam-nos a crer que muitos trechos que seriam de outro modo intratáveis, esclarecem-se quando se compreende que Aristóteles esteja frequentemente engajado num diálogo por vezes explícito, mas quase sempre implícito, com os projetos de ciência dos princípios aventados por outros filósofos.

²⁷ Aparentemente a Díade do Grande e do Pequeno serviria como uma espécie de matriz (“matéria”) seja para as coisas inteligíveis, seja para o mundo sensível. Ela seria, destarte, princípio do mundo sensível tanto diretamente (por servir-lhe de “matéria”), quanto indiretamente (por ser também princípio “material” das Ideias e números Ideais, os quais seriam, por sua vez, princípios “formais” das coisas sensíveis). Para maiores aprofundamentos deste nebuloso aspecto do platonismo, cf. REALE, Giovanni. *Para uma nova interpretação de Platão*.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE DE AFRODÍZIA. *Commentarius In Libros Metaphysicos Aristotelis* – recensuit Hermannus Bonitz. Berlin: G. Reimer, 1847.

ARISTÓTELES. *Metafísica*, livros I, II e III - Tradução, introdução e notas de Lucas Angioni. *Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução n.º 15*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2002.

CECÍLIO, G. C. A. *Revisitando a questão da unidade da ciência preeminente na Metafísica de Aristóteles: a relevância do livro A para uma interpretação “arqueológica”*. 2016. 140f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

_____. Resenha de Gabriela Silvana Di Camillo, *Aristóteles historiador* – El examen crítico de la teoría platónica de las Ideas. *Kléos* (UFRJ), Rio de Janeiro, n.18, p. 171-175, 2014.

HERNISS, Harold. *Aristotle's Criticism of Presocratic Philosophy*. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1935.

_____. *Aristotle's Criticism of Plato and the Academy*. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1944.

DI CAMILLO, Silvana Gabriela. *Aristóteles historiador* – El examen crítico de la teoría platónica de las Ideas. Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2012.

GUTHRIE, W. K. C. Aristotle as Historian. *Journal of Hellenic Studies*, London, v. 77, n. 1, p. 35-41, 1957.

HESIOD. *The Homeric Hymns and Homerica* – with an English Translation by Hugh G. Evelyn-White. *Theogony*. Cambridge (MA.): Harvard University Press, 1914.

HESÍODO. *Teogonia* – estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1991.

JAEGER, Werner. Review of H. Cherniss, *Aristotle's Criticism of Presocratic Philosophy*. *American Journal of Philology*, Baltimore, v. 58, n. 3, p. 350-356, 1937.

MANSION, Suzanne. Le rôle de l'exposé et de la critique des philosophie antérieures chez Aristote. In: *Aristote et les Problèmes de Méthode*. Louvain: Publications Universitaires de Louvain, 1961. p. 35-56.

MCDIARMID, J. B. Theophrastus on the Presocratic Causes. *Harvard Studies in Classical Philology*, Cambridge (Massachusetts), v. LXI, p. 85-156, 1953.

MENN, Stephen. *The Aim and the Argument of Aristotle's Metaphysics*. [s.l.]: [s.n.], [20--]. Disponível em: <<https://www.philosophie.hu-berlin.de/de/lehrbereiche/antike/mitarbeiter/menn/contents>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

REALE, Giovanni. *Para uma nova interpretação de Platão*. São Paulo: Loyola, 2004.

ROSS, William David. *Aristotelis Metaphysica – recognovit brevis adnotatione critica instruxit W. D. Ross*. Oxford: Clarendon Press, 1958. 2vls. (Coleção Oxford Classical Texts)